

SOBRE NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS:**mulheres negras docentes no ensino superior e o estado do conhecimento¹****ABOUT NARRATIVES AND TRAJECTORIES:****black women professors in higher education and the state of knowledge****Cristiane Barbosa Soaresⁱ****Fabiane Ferreira da Silvaⁱⁱ**

RESUMO: Este estudo vem identificar quais teorias estão sendo construídas ao tratar da temática: docentes negras do ensino superior. Para tanto, utilizou-se a pesquisa do tipo Estado do Conhecimento, que realizou buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, na área da Educação, com a categoria: *professoras universitárias negras*. Assim, extraiu-se 7 trabalhos, os quais revelaram a preocupação com a constituição do quadro docente das instituições de ensino superior, a necessidade de investigar e questionar a ausência e a invisibilidade das mulheres negras, enquanto professoras do ensino superior e, ainda, evidenciaram a potência das narrativas como estratégia metodológica.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Raça. Gênero. Ensino Superior. Docentes negras.

ABSTRACT: This study identifies which theories are being constructed when dealing with the topic: black female professors in university education. To this end, the State of Knowledge type research was used, which carried out searches in the CAPES Catalog of Theses and Dissertations, in the area of Education, with the category: black university professors. Thus, 7 works were extracted and revealed the concern with the constitution of the teaching staff of superior education institutions, the need to investigate and question the absence and invisibility of black women as university education professors,

¹ Este estudo apresenta os resultados da primeira etapa do projeto de tese do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Pampa.

and also demonstrated the potential of narratives as a methodological strategy.

Keywords: Intersectionality. Race. Gender. University education. Black professors.

1 INTRODUÇÃO

Desde o período de colonização, a sociedade brasileira legitima o lugar da população negra no “Quarto de Despejo”, como afirma Carolina Maria de Jesus (2019). E, assim, a história que o Brasil reserva e escreve para a população negra se reflete em todas as instâncias da sociedade: trabalho, saúde, educação, moradia, entre outras instâncias. Com isso, a sociedade estruturada pelo racismo, articulado a outros marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, classe, entre outros, legitima e reproduz desigualdades que atravessam os corpos negros.

Nesse sentido, a população negra, organizada em movimento social, constrói trajetórias de lutas pela superação do racismo e pela emancipação social da população negra ao longo de nossa história social, política e educacional.

Esse movimento social trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação da relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e o antirracismo para o cerne das discussões teóricas epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico. (GOMES, 2017, p. 17).

Dessa forma, um campo do conhecimento vai se constituindo para que possamos compreender que a história e a luta da população negra, sobretudo, das mulheres negras se constrói em uma dinâmica social de resistência, que está intimamente ligada com a preservação da história, da memória e pela emancipação.

As desigualdades refletem-se em todas as instâncias em que os sujeitos transitam, visto que todo sujeito é constituído por identidade racial, de gênero, entre outras e, a partir disso, localizado em determinado espaço social. Além disso, a partir das identidades expressadas pelos sujeitos, esses vivenciam determinadas experiências em detrimento de outras. A partir desse entendimento, é necessário refletir sobre o papel da educação na inviabilização da emancipação da população negra, mais especificamente na ausência significativa e na invisibilidade da mulher negra no campo da educação.

Durante muito tempo, a história social, política e educacional brasileira invisibilizou a atuação das mulheres negras na construção da sociedade e do conhecimento. Com isso, a chegada ao magistério para a mulher negra constitui a culminância de múltiplas rupturas e afirmações, a saber, a luta pelo

prosseguimento dos estudos, a oportunidade de uma profissão que lhe oportunizaria garantias de ter espaço no mercado de trabalho e/ou conciliar às atividades do lar (GOMES, 1995). Assim, quando falamos em mulheres negras falamos de demandas específicas que precisam ser articuladas às questões de gênero e raça, pois tais questões tratadas isoladamente não satisfazem a análise da dinâmica das interações sociais existentes.

Para exemplificar tal afirmação, vamos olhar para os dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2022) que retrata a característica do quadro docente das nossas instituições de ensino superior (IES). Segundo o INEP (2022), temos 315.928 docentes atuando nas IES no Brasil, deste número 148.544 (47,1%) são docentes mulheres e 167.384 (53%) são docentes homens. Olhando para esses índices, percebemos uma proporção com pouca diferença na variação dos coeficientes quando comparados entre homens e mulheres. Entretanto, ao realizar uma análise interseccional, articulando as categorias gênero e raça, percebemos que na proporção de mulheres (148.544), 25.111 (16,9%) são mulheres que se autodeclararam negras, categoria que inclui pretas e pardas, enquanto as mulheres brancas são 80.506 (54,2%) docentes. Já os homens negros autodeclarados são 29.775 (17,8%) em contrapartida aos 88.642 (53%) de homens brancos docentes nas IES.

Estes dados nos alertam para outras questões, visto que “espaços públicos e institucionais não estão imunes à lógica de diferenciação e desigualdades entre os indivíduos, trata-se de ambientes onde a hierarquização e o distanciamento na espacialização passam a ser visto de forma banalizada e natural” (SILVA; EUCLIDES, 2018. p. 52). Portanto, é evidente que as mulheres negras, docentes do ensino superior, têm baixa representação no espaço de saber acadêmico, quando comparado às mulheres brancas e homens brancos. Tais dados, retratam a falta de diversidade étnico-racial na docência da educação superior, o que pressupõe um campo científico marcado pelo racismo e sexismo, reforçando a ideia que a ciência é um privilégio, que está predestinada a determinados sujeitos que se enquadram no padrão eurocêntrico e heteronormativo.

Soares e Silva (2020), afirmam em seu estudo, que para a sociedade, cabe às pessoas negras demonstrar e provar sua capacidade de estar em determinados lugares, de se manterem nos espaços de saber e construção de conhecimento, de exercer determinadas funções que historicamente eram destinadas somente para pessoas brancas. Nesse entendimento, para as mulheres negras, romper com esse paradigma é ainda mais difícil, uma vez que ao ingressarem na docência superior contradizem a lógica de privações cultural e historicamente impostas às mulheres negras.

Considerando a baixa representação de mulheres negras na docência superior e a importância de sua inserção e atuação no campo científico, esse trabalho é um primeiro movimento de pesquisa de um projeto de tese que investiga a participação, inserção e permanência das mulheres negras na docência de nível superior. Assim, vem apresentar um mapeamento da produção científica dos últimos cinco anos, na área da educação; que tange a temática das mulheres negras docentes no ensino superior. Com isso, o objetivo deste estudo é identificar quais são as teorias que estão sendo construídas ao tratar sobre a referida temática.

2 TRANSITANDO PELO CAMPO DE PRODUÇÃO DOS DADOS

A fim de potencializar o campo de conhecimento que estuda, investiga e produz, mostrando possibilidades para que outras mulheres negras se insiram na docência superior; este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, do tipo Estado do Conhecimento. Para tanto, o foco deste estudo foi a análise de dissertações e teses na área da Educação que se dedicaram a investigar as mulheres negras docentes do ensino superior. Com isso, tomamos como campo para produção de dados o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior² (CAPES), do Banco de Dissertações e Teses da CAPES, com recorte temporal das teses e dissertações produzidas nos anos de 2018 a 2022, na área da Educação.

É importante destacar que o Estado do Conhecimento:

[...] é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (MOROSINI, 2015, p. 102).

Segundo, a autora, a construção do Estado do conhecimento, como atividade acadêmica, tem como objetivos: conhecer, sistematizar e analisar a produção do campo científico sobre determinada temática; elaborar produção textual para compor a dissertação/tese; subsidiar a dissertação e/ou tese, delimitando o tema e ajudando a escolher caminhos metodológicos. Assim, o Estado do Conhecimento vai além da categorização, também são e devem ser realizadas inferências sobre as informações analisadas.

E, ao encontro das afirmações de Marília Costa Morosini (2015), este estudo é um primeiro movimento de pesquisa para subsidiar a construção do projeto de tese que tem como temática central as mulheres negras docentes no ensino superior. Portanto, este trabalho analisa dissertações e teses que abordam a temática das mulheres negras na docência superior como eixo principal de pesquisa, a fim de identificar as teorias que estão sendo construídas quando se trata de docentes negras no ensino superior.

Para a construção do *corpus* de análise, inicialmente foram realizadas buscas por meio das categorias: **docentes negras do ensino superior; professoras negras do ensino superior e professoras universitárias negras**, como demonstra o quadro abaixo.

² Acesso ao Catálogo de Teses e Dissertações: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Quadro 1: resultado busca sobre a temática docentes negras do ensino superior

Espaço temporal	Categoria	Número de produções
2018 - 2022	docentes negras do ensino superior	14. 723
2018 - 2022	professoras negras do ensino superior	8.211
2018 - 2022	professoras universitárias negras	435

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Com essa busca, pode-se perceber que há uma produção em escala progressiva, principalmente no que se refere à formação inicial de mulheres negras no ensino superior, da importância da diversidade racial para a/na formação inicial das mulheres negras, sobre as experiências de vivenciar os marcadores de gênero e raça na formação inicial e na Educação Básica e sobre as vivências de professoras negras que atuam na Educação Básica.

A partir desta análise inicial, a categoria **professoras universitárias negras**, foi selecionada para análise mais profunda de seus resumos, metodologia e resultados. Com isso, de suas 435 produções, encontradas na primeira busca, extraiu-se cinco (5) dissertações e duas (2) teses, totalizando sete (7) produções que tinham as professoras negras ou docentes negras do Ensino Superior como tema central, conforme demonstra o quadro abaixo.

Quadro 2: Teses e Dissertações selecionadas para análise

Autoria/ Ano de publicação	Título	Nível e Instituição
Leydiane Vitoria Sales Ano: 2019	“Nem a traça vai corroer o estudo”: as trajetórias e as identidades de professoras negras e brancas da UFMT no contexto das relações raciais brasileiras	Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Mato Grosso
Sulamita Rosa Da Silva Ano: 2019	Trajetoárias de professoras negras dos cursos de formação de professores da UFAC/Campus Rio Branco.	Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Acre, campus Rio Branco
Taina Melo Silveira Ano: 2020	Docências negras no ensino superior: o caso da Universidade Federal de Pelotas	Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Pelotas

Simone Ferreira Soares dos Santos Ano: 2021	Trajatórias, lutas e resistências de professoras e professores universitários/as negros/as militantes no grupo tez: processos formativos decoloniais	Doutorado em Educação, na Universidade Católica Dom Bosco
Leticia Laureano dos Santos Ano: 2021	Trilhando caminhos, semeando (re)encontros: professoras negras em programas de pós-graduação	Mestrado em Educação, na Universidade La Salle
Ana Carla de Melo Almeida Ano: 2022	- Nós, VOZ, elas: Mulheres professoras narrando suas vivências de desigualdade de gênero e raça no curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA	Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Maranhão.
Gyme Gessyka Pereira dos Santos Ano: 2022	Trajatórias acadêmicas de docentes negras da Universidade Federal Fluminense	Doutorado em Educação, na Universidade Federal Fluminense

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

O quadro 2 apresenta cada um dos sete (7) trabalhos selecionados, bem como a titulação obtida pelas autoras das produções acadêmicas e a instituição onde foi desenvolvida a pesquisa. É possível verificar, a multiplicidade de locais, em diferentes regiões do Brasil, que dão origem às investigações sobre as docentes negras do ensino superior. Ainda, é necessário destacar que, a partir do título, podemos estabelecer que o campo de articulação e produção de dados, dessas pesquisas, foram os locais de trânsito das próprias pesquisadoras. O que nos remete a refletir sobre a importância das nossas pesquisas para modificar e colaborar com os nossos contextos.

A partir das produções apresentadas no quadro 2, referente aos trabalhos selecionados para comporem o *corpus* analítico da investigação, é possível constatar que, com relação ao tipo de trabalho, houve distribuição entre teses e dissertações, o que representa a diversidade analítica que se produz, no sentido de encontrar trabalhos com diferentes escopos e níveis de profundidade analítica construindo o campo de conhecimento que envolve as docentes negras do ensino superior.

Levando em consideração que o recorte temporal adotado para a investigação, que compreendeu o intervalo dos últimos cinco anos, entre os anos de 2018 e 2022, foram encontrados trabalhos dos últimos quatro anos (2019 - 2022). Como se trata de um espaço de tempo relativamente pequeno e de uma área de concentração específica, é possível inferir que as produções sobre o tema têm se concentrado em diferentes períodos e nas demais áreas de concentração da CAPES. Ainda, cabe ressaltar que a pandemia de Covid-19³, que impactou e modificou nossas vidas de muitas formas,

³ A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso da doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez na China, em dezembro de 2019, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. Segundo os dados da OMS, há casos confirmados em 228 países e territórios e 6.871.495 mortes atribuídas

influenciou a construção das escolhas metodológicas de muitas pesquisas. Dos sete trabalhos analisados, dois (1 - Ana Carla de Melo Almeida, 2022 e 2 - Gyne Gessyka Pereira dos Santos, 2022) relatam que suas estratégias metodológicas foram readequadas para construção da pesquisa em tempo de pandemia.

3 ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS

A respeito da noção conceitual de campo, recorreremos às contribuições de Pierre Bourdieu (1976; 1983; 1996) que se refere aos diferentes espaços da vida social ou da prática social, que possuem uma estrutura própria e relativamente autônoma com outros espaços ou campos sociais. Esses campos se organizam em torno de objetivos e práticas específicas e apresentam uma lógica própria de funcionamento que estrutura as relações entre os agentes no interior de campo.

Seguindo o entendimento de campo a partir de Bourdieu, cada campo assume estratégias e produz bens culturais e simbólicos, assim, se estabelecem as hierarquias e movem-se lutas no interior dos campos. Considerando essas determinações, empreender um estudo que envolva um campo de estudos específico requer articular o singular e o universal para o melhor entendimento do objeto investigado. Partindo desta perspectiva, é fundamental considerar as pesquisas desenvolvidas a fim de investigar quais são as articulações que sustentam a temática que envolve as docentes negras no ensino superior.

Com isso, a fim de analisarmos as produções selecionadas (quadro 1) que transitam no campo, optamos por algumas estratégias considerando os objetivos, práticas e intencionalidade do objeto investigado, conforme demonstra o quadro 3.

Quadro 3 - objetivos, campo e sujeitos da pesquisa e metodologia das produções.

Identificação	Objetivo Geral	Sujeitos da pesquisa	Metodologia
SALES, Leydiane Vitória. 2019	Analisar as trajetórias de professoras negras e brancas da Universidade Federal de Mato Grosso, considerando os processos de (re)construção de suas identidades no contexto das relações raciais brasileiras.	14 professoras - negras e brancas; identificadas por autodeclaração racial. Campo: UFMT, campus Cuiabá.	Pesquisa qualitativa com entrevista. Utilizou o método das narrativas de vida na perspectiva etnossociológica; como instrumento de coleta de dados, utilizou a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo.
SILVA, Sulamita Rosa Da. 2019	analisar como foram tecidas as trajetórias de professoras negras dos cursos de formação de	Licenciaturas de 11 professoras negras dos cursos de licenciatura da	pesquisa qualitativa, elaborada em uma perspectiva pós-crítica. Utilizou estudo bibliográfico e

à doença, tornando-se uma das mais mortais da história. OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde, online - disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

	professores da Universidade Federal do Acre/Campus Rio Branco e de que modo organizavam e abordavam discussões sobre gênero e raça nos seus Currículos Lattes.	Universidade Federal do Acre/Campus Rio Branco identificadas por autodeclaração, a partir da técnica snowball (bola de neve).	entrevistas de modelo narrativo e análise documental de Currículos Lattes.
SILVEIRA, Taina Melo. 2020.	Investigar quais modos os/as docentes negros/as da UFPel experienciam a docência no Ensino Superior, a partir dos marcadores de raça e gênero.	5 docentes negras(os) - (2 homens e 3 mulheres), identificados a partir de auto e heterodeclaração.	Pesquisa qualitativa, baseada em Estudo de Caso. Com entrevistas semi-estruturadas e análise na perspectiva hermenêutica. Também utilizou-se de levantamento do quadro docente em raça, gênero e área do conhecimento e de pesquisa no banco de dissertações e tese da Capes, comunicações e anais do COPENE e da ANPED.
SANTOS, Simone Ferreira Soares dos. 2021.	analisar os processos formativos de professores universitários negros e militantes, com destaque para suas trajetórias, lutas e resistências no contexto de uma sociedade marcada pela colonialidade.	professoras(es) universitárias(os) negras(os) e militantes, identificados por autodeclaração e indicação.	Pesquisa qualitativa em educação, tendo entrevistas semiestruturadas.
SANTOS, Leticia Laureano dos. 2021	analisar histórias de vida de professoras negras que atuam em programas de pós-graduação (PPGs) no Brasil.	professoras integrantes de programas de pós-graduação de universidades das cinco regiões do país	Pesquisa qualitativa e exploratória, com delineamento de histórias de vida a partir de entrevistas.
ALMEIDA, Ana Carla de Melo. 2022	compreender como as professoras afrodescendentes do curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) vivenciam as desigualdades de gênero e raça no magistério superior, e de que modo essas experiências são enfrentadas e superadas por elas.	quatro professoras afrodescendentes do curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), identificadas por Heteroatribuição racial.	Pesquisa qualitativa com uso de levantamento bibliográfico, produção de narrativas (via google meet) em roda de conversa.
SANTOS, Gyne Gessyka Pereira dos. 2022.	analisar as trajetórias acadêmicas das docentes negras que atuam nos cursos de	5 professoras autodeclaradas negras da UFF, identificadas via autodeclaração (dados	Pesquisa quali-quantitativa, utilizando as estratégias de coleta de dados: análise do banco de dados docente para quantificar

	graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF).	disponíveis pela Universidade)	as docentes da instituição, questionário e análise do Currículo Lattes para investigar suas trajetórias. Também utilizou levantamento de teses, dissertações e artigos com o descritor: professoras negras na universidade
--	---	--------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Para construção desse quadro, os resumos, apresentação, objetivos e metodologia de cada um dos sete trabalhos foram analisados. Ainda, cabe destacar que as considerações finais também foram exploradas para estabelecer os critérios de construção das categorias.

Ao transitar pelas teses e dissertações utilizamos a interseccionalidade como ferramenta analítica, a partir dos pressupostos de Kimberlé Crenshaw (2002) e Carla Akotirene (2019). Como afirma Akotirene (2019, p. 63), “interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais”. A interseccionalidade busca “capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” e está voltada para a compreensão dos impactos que os diferentes eixos criam, produzindo desigualdades básicas que estruturam as posições das mulheres negras na sociedade (CRENSHAW, 2002, p. 177).

E, assim, lançando olhares sobre as dissertações e teses, investigamos contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequências e tipos de discriminações interseccionais. O que possibilitou a construção de três categorias de análise: 1 - mulheres negras: as autoras de suas histórias; 2 - trajetórias e vivências: as narrativas dos espaços onde transitam; 3 - raça e gênero: efeitos na vida e na forma como experienciam a docência.

3.1 Categoria 1 - Mulheres negras: as autoras de suas histórias

A construção dessa primeira categoria se dá através dos olhares que perpassam as dissertações e as teses, no momento da seleção das mesmas, e percebem que as autorias são todas de mulheres. Assim, ao analisar os primeiros capítulos dos trabalhos, as apresentações das autoras - pesquisadoras e suas intencionalidades de pesquisa, outra questão emerge: todas as autoras - pesquisadoras são mulheres negras que transitam no campo de pesquisa que propuseram investigar. Ou seja, os trabalhos foram desenvolvidos por mulheres negras que ingressaram no ensino superior, construíram suas histórias e assumiram o espaço a fim de investigá-lo.

A partir desta percepção, nos remetemos a Grada Kilomba (2019), que no seu livro “Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano”, descreve como ato político a prática da escrita de sua própria história, tornando-se assim sujeito.

[...] escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não o *objeto*, mas o *sujeito*. (...) enquanto escrevo eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (KILOMBA, 2019, p. 27-28).

Assim, ao analisar as intencionalidades das autoras - pesquisadoras negras, fica perceptível os seus lugares de autoras e autoridades da sua história, pois narram os episódios e trânsitos que as constituíram enquanto pesquisadoras e resgatam suas memórias mais subjetivas demonstrando a sua relação com o tema e com o seu campo de pesquisa.

Fica evidente nas histórias contadas pelas autoras pesquisadoras sua preocupação com a falta de diversidade étnica-racial, por consequência, a baixa representatividade de docentes negras no contexto onde transitam e constroem suas histórias. Diante disso, iniciam reflexões que atentam para a constituição do quadro docente da sua instituição, investigam e questionam a ausência e a invisibilidade das mulheres negras enquanto professoras do ensino superior. E, com isso, refletem sobre suas próprias histórias e a possibilidade de construção de suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

Dessa forma, nos remetemos a Lélia Gonzalez que “têm como proposta a descolonização do conhecimento e a refutação de uma neutralidade epistemológica” (RIBEIRO, 2017, p. 26). Pois, nessa perspectiva, as autoras-pesquisadoras, com trabalhos em diferentes campos de pesquisa, constroem caminhos que as direcionam para a mesma encruzilhada. Questionam o embranquecimento da academia, denunciando-o e reivindicam a descolonização do conhecimento a partir da existência das professoras negras nos espaços de saber dentro da academia.

Ainda, torna-se importante destacar o lugar de fala (RIBEIRO, 2017) que as autoras-pesquisadoras ocupam. O termo evidenciado pela filósofa Djamila Ribeiro, a partir dos pressupostos de outras intelectuais negras e debates feministas, enuncia a ação política das mulheres negras contrapondo os modos de subjetivação construídos pelo racismo e sexismo que atravessam suas vivências. O lugar de fala pressupõe uma postura ética, pois é preciso saber de que lugar falamos para podermos refletir sobre as hierarquias, as questões de racismo, sexismo e outras desigualdades que nos atravessam.

Nesse sentido, ao não se distanciar do campo de pesquisa como sujeito e narradora das próprias histórias, as autoras-pesquisadoras se posicionam, olham para o contexto e o investigam a partir de suas vivências, enquanto mulheres negras, para assim poder intervir nele a partir de suas pesquisas.

3.2 Categoria 2 - Trajetórias e vivências: as narrativas dos espaços onde transitam

No que se refere aos procedimentos metodológicos adotados pelos trabalhos desenvolvidos, as abordagens focaram na pesquisa de caráter qualitativo. As abordagens qualitativas nas pesquisas em

educação são muito utilizadas como forma de ressaltar a realidade dos sujeitos investigados. Com isso, a abordagem adotada pelos trabalhos preocupou-se com as relações sociais, com as especificidades e subjetividades de suas interlocutoras.

Seguindo os entendimentos de Menga Lüdke e Marli André (2012), as pesquisas qualitativas tem seu ambiente natural como principal instrumento de coleta de dados; os dados são, em sua maioria, descritivos; a preocupação com o processo da pesquisa é maior que com o resultado; os significados que os indivíduos dão às coisas, suas concepções pessoais, são o foco de quem pesquisa e segue um processo indutivo. Dessa forma, esta categoria percorre os objetivos e metodologia das dissertações e teses (quadro 3) e, ao analisá-las individualmente, percebemos que a construção de narrativas foi determinante para a composição do *corpus* analítico desses trabalhos.

As narrativas nessas produções construíram as trajetórias e vivências das professoras interlocutoras, enfatizadas de modo oral com entrevista individual ou de forma coletiva. Foram utilizados também, para construção das narrativas, questionários e o currículo lattes das professoras interlocutoras. Para Silva (2016), a narrativa como técnica de produção de dados consiste em

[...] apresentar de forma improvisada sua história real que atende aos objetivos do projeto da pesquisa. O relato parte de uma situação em que o entrevistado tenha participado. O interesse nesse tipo de abordagem está no conjunto do que é evocado, apresentando início, desenvolvimento e resultado ou conclusão parcial ou total da trajetória. Entre os elementos essenciais nesse tipo de interlocução, está a questão gerativa, que é o principal ponto de interesse do entrevistador (SILVA, 2016, p. 61).

Desse modo, as professoras interlocutoras, em cada um dos trabalhos analisados, apresentaram suas histórias evocando memórias que estivessem atreladas aos objetivos da pesquisa em questão. Assim, a narrativa constitui-se como um mecanismo fundamental de compreensão de si, dos outros e das práticas sociais como lugares nos quais se produzem e se interpretam histórias (LARROSA, 1996). As trajetórias de vida das professoras interlocutoras constituíram o enfoque das narrativas, com o resgate de suas vivências familiares, escolares e profissionais, pois é no processo de narrar e ouvir histórias que o sujeito vai construindo tanto os sentidos de si, como de suas experiências, dos outros e do contexto em que está inserido.

Para Jorge Larrosa (1996), a narrativa é uma modalidade discursiva, na qual as histórias que contamos e as histórias que ouvimos, passam a construir a nossa história, a dar sentido a quem somos e a quem são os outros, moldando e atravessando as identidades – de gênero, sexual, étnica/racial, religiosa, profissional, entre outras. Desse modo, a utilização de narrativas como estratégia metodológica colaborou para a construção de um movimento de pesquisa no interior do campo que investiga as trajetórias de mulheres negras nos diversos espaços onde transitam.

3.3 Categoria 3 - Raça e gênero: efeitos na vida e na forma como experienciam a docência.

A categoria em questão fica evidente durante a leitura das trajetórias das professoras interlocutoras. Aqui cabe destacar o que Lélia Gonzalez (2020) explica sobre a noção de consciência e memória, questões que emergem nas trajetórias das professoras interlocutoras pelas interpretações das autoras.

[...] Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. (GONZALEZ, 2020, p. 78).

No entanto, “a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência” (GONZALEZ, 2020, p. 79). E, assim, as autoras, a partir dos seus lugares de fala, enfatizaram o racismo e sexismo que emergiram das narrativas evocadas.

Ao falarmos sobre as trajetórias de mulheres negras precisamos analisá-las com olhares que compreendam que as categorias de raça, gênero e classe não podem ser pensadas de forma isolada, pois são indissociáveis. Nessa compreensão, remetemos nossos olhares e percebemos que todos os trabalhos tangem o conceito de interseccionalidade, mesmo sem nomeá-lo ou tomá-lo como categoria analítica.

Para tanto, as autoras utilizaram de uma sensibilidade analítica, que pressupõe a interseccionalidade como lente analítica, para interpretar as evocações de consciência e memória das professoras interlocutoras. Com isso, resgataram das narrativas episódios de discriminações presentes na infância, na adolescência e na trajetória profissional das professoras pesquisadoras, identificaram a (re)construção das identidades raciais dessas mulheres no espaço acadêmico a partir dos desafios vivenciados em suas trajetórias. E, para além do compartilhamento das dores, mostraram que as mulheres negras também compartilham histórias de resistências e empoderamento. Ainda, destacam a importância das famílias como rede de apoio para o incentivo aos estudos e colaboram para a evocação das boas memórias para escolha de suas carreiras.

Embora, como demonstra o quadro 3, os trabalhos tenham campos e sujeitos de pesquisa distintos e de diferentes regiões do Brasil; as narrativas das professoras interlocutoras se encontram em muitos caminhos, os quais atravessam as vivências de mulheres negras, como destacado acima. E, mesmo nos espaços de saber, essas mulheres também experienciam as sutilezas do racismo e sexismo das estruturas acadêmicas em sua vivência enquanto docentes no ensino superior. Como afirma Grada Kilomba (2019, p. 56 - grifos da autora), “no racismo corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “*fora do lugar*” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer”.

Por tantas experiências compartilhadas, “pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras opressões, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência” (RIBEIRO, 2018, p. 122). Entretanto, é essencial compreender que a interseccionalidade

nos possibilita entender que não pode haver hierarquia de opressão e que é necessário romper com a estrutura que retroalimenta essas opressões para que possamos pensar em um outro modelo de sociedade.

4 REFLEXÕES FINAIS

Ao percorrer os caminhos de cada uma das dissertações e teses que compõem este trabalho, pode-se construir cada uma das categorias de análise, expostas acima. Desta forma, as categorias nos evidenciaram que a temática mulheres negras docentes no ensino superior tem potente articulação teórica e metodológica a partir dos pressupostos da abordagem qualitativa em pesquisa, preocupando-se com as relações e dinâmicas que constituem o sujeito e seus entornos e contextos sociais.

Dada a abordagem qualitativa, os trabalhos ressaltam a importância das investigações nos espaços onde transitamos. No entanto, cabe ressaltar, que estas intervenções emergem de espaço privilegiado de observação, ou seja, as intencionalidades de pesquisa partem do lugar de fala (RIBEIRO, 2017) de quem pesquisa. Com isso, é possível compreender que o lugar em que nos situamos interpela nossas interpretações sobre racismo, sexismo e demais opressões, assim lemos os contextos para então intervir nele.

Partindo dessa perspectiva, da posição de olhar para o mundo, a narrativa emerge como estratégia metodológica. Tal escolha metodológica vem ao encontro das intencionalidades dos trabalhos que analisamos, visto que para investigar as nuances que tangem as relações raciais e de gênero nas vivências de mulheres negras que atuam na docência superior, se faz necessário resgatar suas trajetórias a partir da evocação de suas memórias.

Esse movimento teórico metodológico, construído para investigar o tema das mulheres negras que atuam no ensino superior, recusa a perspectiva da neutralidade e afastamento de quem pesquisa com o campo e com suas interlocutoras. Como afirma Grada Kilomba (2019, p. 83), “ser uma pessoa ‘de dentro’ produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos”. Assim, em uma sociedade que trata o espaço acadêmico como um privilégio, as narrativas evocadas, as trajetórias ressignificadas pelo discurso e a sensibilidade analítica do sujeito “de dentro” ressalta a necessidade da construção de novas histórias e serve como instrumento para se pensar em outras perspectivas que rompem as estruturas eurocêtricas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico - Reproduzido de BOURDIEU, P. Le champ scientifique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 2-3, jun. 1976, p. 88-104. Tradução de Paula Monteiro.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre:** a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 10, p. 171-188, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flávia. LIMA, Márcia (org.) - 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior** - 2021. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. trad. Jess Oliveira. - 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Narrativa, identidad y desidentificación**. In: LARROSA, Jorge. La experiencia de la lectura. Barcelona: Laertes, 1996. p. 461-482.
- LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisas em Educação:** abordagens qualitativas. - [reimpr.] - São Paulo: E.D.U., 2012.
- MOROSINI, Marília Costa. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Revista da Educação**. Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644415822>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SILVA, Jorge Fernandes. **Trajetórias escolares e profissionais de professores (as) negros (as) que atuam na educação básica na cidade de Rio Branco**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Acre, 2016.
- SILVA, Joselina da; EUCLIDES, Maria Simone. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). **Educ. rev.**, v. 34, n. 70, p. 51-66, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58760>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- SOARES, Cristiane Barbosa. SILVA, Fabiane Ferreira da. **Interseccionalidade de gênero e raça na docência do ensino superior: mulheres negras presentes na Unipampa**. In.: BRANCHER, Vantoir Roberto. COLLING, Ana Maria. PORTO, Eliane Quincozes. (orgs). Caminhos possíveis à inclusão V: gêneros, (trans) gêneros e educação - alguns enfrentamentos. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 45 - 64.

Recebido em: 30 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 7 de junho de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/12095>

ⁱ **Cristiane Barbosa Soares**. Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, 2020), Professora de Ciências da Natureza, na Secretaria Municipal de Uruguaiana (SEMED-RS), pesquisadora do Grupo de Pesquisa Tuna: gênero, educação e diferença da Unipampa, estudante de doutorado no Programa de pós-graduação em Educação em Ciências (PPGECi/UNIPAMPA). Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8407234632829257>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8008-5830>

E-mail: cristi.soa@gmail.com

ⁱⁱ **Fabiane Ferreira da Silva**. Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS, 2012), Professora associada da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), líder do Grupo de Pesquisa Tuna: gênero, educação e diferença da Unipampa. Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8442280124362170>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0608-4490>

E-mail: fabianesilva@unipampa.edu.br